

NARRATIVA BÍBLICA:
UMA ANÁLISE TEOLÓGICA-LITERÁRIA DE JOÃO 4,4-30.39-42
BIBLICAL NARRATIVE:
A THEOLOGICAL-LITERARY ANALYSIS OF JOHN 4:4-30, 39-42

Leandro Rafael Evangelista¹ , Mayro Christyan Brito de Araujo² 



DOI.ORG/10.57147/ESPACOS.V33I01.928

Recebido em: 03/12/2025

Aprovado em: 20/12/2025

Resumo: O presente trabalho tem como finalidade realizar uma análise narrativa do Evangelho segundo João 4,4-30.39-42. Para alcançar tal objetivo, a princípio, será apresentado o que se entende por narratividade bíblica e suas implicações na vida quem a ler. Após essa definição, serão apresentando os diversos componentes que constitui a narratividade bíblica, aplicados a perícopo joanina. Perceberá que cada elemento do texto, como o cenário, os personagens, o narrador, o tempo e o enredo não foram simplesmente colocados para preencher as linhas, mas possui um profundo sentido teológico. A construção dessa pesquisa realizou-se a partir do método analítico bibliográfico.

Palavras-chaves: Hermenêutica; Narratividade bíblica; Evangelho de João; Jesus e a samaritana.

Abstract: This paper aims to carry out a narrative analysis of John 4,4-30.39-42. To this end, it first presents the concept of biblical narratology and its implications for the life of the reader. After this conceptual clarification, the study examines the main components of biblical narrative, such as settings, characters, narrator, time, and plot, applied to the Johannine pericope. Each textual element is shown to carry a profound theological meaning, rather than merely filling space on the page. The research was developed using a bibliographic-analytical methodology.

Keywords: Hermeneutics; Biblical narratology; Gospel of John; Jesus and the Samaritan woman.

¹ Presbítero da Congregação do Santíssimo Redentor (Redentoristas), graduado em filosofia pela UNICAP e em teologia pelo ITESP. Mestrando em teologia pela UNICAP-PE. Bolsista pela CAPES. E-mail: leandrorafael45@yahoo.com.br

² Mestrando em Teologia na UNICAP-PE. Possui graduação em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí, graduação em Administração e em Ciências Contábeis pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: mayrochristyan@gmail.com.br

Introdução

A Bíblia pode ser descrita como a coleção de escritos considerados inspirados pela comunidade de fé. Sabe-se que os livros aqui encontrados são frutos de uma experiência religiosa que alguém ou uma comunidade vivenciou com o divino. Os livros não desceram prontos do céu, mas foram escritos por mãos humanas, que utilizaram de diversas técnicas e estilos de literatura para a composição dos mesmos. Uma dessas técnicas é a narratividade, onde a maior parte das passagens bíblicas podem ser enquadradas.

A narratividade apresenta-se como uma ferramenta eficaz para transmitir uma mensagem religiosa e espiritual, tendo como finalidade o processo de formação do ser humano. Os textos narrados não foram escritos simplesmente para que o leitor os contemple, mas se deixe ser interpelado pela mensagem revelada, permitindo que ela o transforme. Dentro desse horizonte, é possível dizer que toda história narrada nas Sagradas Escrituras exige sempre um processo de atualização em sua leitura.

A proposta desse trabalho é apresentar os elementos constitutivo da narratividade bíblica presente no Evangelho segundo João 4, 4-30. 39-42. Para tal, procurar-se-á entender as definições de uma narratividade a partir dos textos sagrados. Antes de se deparar com o texto em si, faz-se necessário ter no horizonte os caminhos para se alcançar uma análise dos escritos bíblicos narrados. Como resultado, perceberá que a análise narrativa aplicada ao texto não se limita apenas em uma descrição de estruturas, mas antes a percepção de que o autor do texto sagrado tem como objetivo a construção literária de uma experiência teológica. É importante salientar que todos os elementos, seja um gesto, um diálogo, uma ação, um deslocamento em uma narrativa bíblica possui uma função teológica.

Após a essa apresentação dos fundamentos da análise narrativa, serão expostos os elementos constitutivos da perícopes em questão, que narra o encontro entre Jesus e uma mulher samaritana no poço de Jacó. O primeiro componente refletido é o cenário onde se desenvolve o encontro. O cenário na narrativa joanina é sempre composto de rico valor simbólico. O Evangelho é bem objetivo, apontando ao leitor que a cena se desenvolve em torno do poço de Jacó, na região da Samaria. Este movimento de Jesus não é algo casual, mas se refere à compreensão de que a missão do Messias extrapola as barreiras humanas.

A referência ao poço também tem um sentido maior. Aqui recupera-se a ideia muito presente na literatura do Primeiro Testamento, onde o poço era tido como o lugar da revelação. Além desses apontamentos geográficos, o texto menciona o horário que se deu o encontro, por “volta da hora sexta”, ou seja, meio-dia, momento em que a luz do sol está mais intensa e que tudo é revelado. A Luz do mundo veio ao encontro daquela mulher e dissipou a escuridão da sua existência.

O segundo aspecto são os personagens que fazem parte da narrativa. Na perícopes em questão, poucos personagens fazem parte da cena, mas cada um possui uma profunda densidade teológica, onde cada um expressa-se como um espelho. Jesus, o personagem central, é quem toma a iniciativa de ir ao poço e desenvolver o diálogo com a mulher a partir de um pedido: “dá-me de beber” (Jo 4,7). Ao mesmo tempo, ele oferece a água viva, considerada como o dom de espiritual para reconhecer o dom de Deus. A mulher, que a princípio resiste à conversa, mas depois abre-se a uma confissão de fé, é entendida como reflexo da humanidade que tem sede pela verdade. O ponto central desse processo de transformação na vida mulher é o fato do abandono do cântaro, símbolo da antiga tradição religiosa, e vai testemunhar aos outros o encontro com aquele que sacia a sede humana. Além de Jesus e da mulher, há também a presença de outros samaritanos, que representam o novo povo de Deus gerado a partir da escuta da Palavra.

O terceiro princípio é o narrador, aquele que conta a história, e que possui um caráter teológico, literário e espiritual. Na narrativa do encontro entre Jesus e a samaritana, o narrador apresenta-se na terceira pessoa, conduzindo o leitor a adentrar os eventos e revelando o sentido oculto das ações de Jesus. O narrador no Evangelho segundo João desenvolve uma ação que vai além de narrar os fatos, mas convida o leitor a despertar uma postura de fé, uma adesão ao Cristo, interpretando a ação de Deus no mundo.

O quarto elemento é o tempo, que em Jo 4,4-30.39-42 é configurado a partir de uma linearidade e de uma densidade teológica. Essa estruturação tem como objetivo mostrar que o movimento da revelação parte do particular para o universal. O autor do Evangelho explora de maneira magistral o elemento temporal, onde o tempo do encontro no poço torna-se o tempo da revelação e da fé. O tempo passa a ser interpretado como instrumento da revelação, onde em cada instante manifesta-se o hoje da salvação.

O último componente é o enredo, apresentado de maneira progressiva e a partir dos aspectos do movimento, da tensão e da transformação. Percebe-se que na perícopes joanina, a construção do enredo acontece em três movimentos: o pedido de Jesus por água; o diálogo que ocorre logo em seguida entre Jesus e a samaritana; e o reconhecimento por parte da mulher do caráter messiânico de Jesus e a sua atitude de testemunhar esse anúncio aos outros. Essas constatações indicam que o enredo é um elemento teologicamente construído, com a finalidade de conduzir o leitor a um itinerário espiritual.

Todos esses componentes colaboram para que se perceba a riqueza que é uma narratividade bíblica. O texto sagrado escrito traz consigo uma visão teológica e antropológica, e deve ser lido a partir das suas configurações narrativas, possibilitando interpretações que podem ser apreendidas e atualizadas.

2. A análise de narrativas bíblicas

A narrativa é uma das formas mais antigas de expressão humana e um dos modos privilegiados pelos quais as Escrituras comunicam a revelação divina. Alter (2007, p. 15) abre sua reflexão com uma pergunta que se torna chave hermenêutica para toda a leitura bíblica: “Qual é o papel da arte literária na conformação da narrativa bíblica?” O próprio autor responde: “Um papel crucial, finamente modulado a cada momento, quase sempre determinante na escolha exata de palavras e detalhes, no ritmo da narração, nos pequenos movimentos do diálogo e em toda uma teia de relações que se ramificam pelo texto.”

Essa formulação sintetiza a convicção de que, na literatura bíblica, a forma é inseparável do conteúdo: o modo de narrar é parte da própria revelação. A dimensão estética, portanto, não adorna a teologia, mas a expressa. O ritmo da narrativa, o uso econômico das palavras e a estrutura dos diálogos revelam uma intenção teológica que se concretiza por meio da arte literária.

Como explica Gancho (2006), o ato de narrar implica uma sequência de ações organizadas no tempo e mediadas por personagens que se movem em determinado espaço, sempre em torno de um conflito que estrutura o enredo. Aplicada à Bíblia, essa definição ganha amplitude teológica, pois as ações narradas não apenas descrevem fatos, mas revelam o modo como Deus se manifesta na história.

De acordo com Marguerat e Bourquin (2009, p. 9), “os crentes, desde a noite dos tempos, contam histórias. Israel viveu de dizer e redizer a história entrelaçada entre Deus e os seus. [...] As narrativas bíblicas foram transmitidas de geração em geração, alimentando a fé e inflamando a imaginação”. As narrativas bíblicas, portanto, não são meros relatos do passado, mas testemunhos de fé que se renovam na experiência do leitor. O relato de João 4,4-30.39-42 é exemplo desse dinamismo: mais que relatar um episódio da vida de Jesus, ele conduz o leitor a reconhecer, na simplicidade do diálogo entre dois personagens, a profundidade da revelação messiânica.

A análise narrativa aplicada à Bíblia permite perceber que o texto sagrado não se constrói por acaso, mas por meio de escolhas literárias deliberadas, nas quais cada palavra, gesto e silêncio possuem função teológica. Como observa Alter (2007, p. 126), “tudo que é relatado é essencial para a história, mas certas pistas especiais são sugeridas pelo ritmo com que se descrevem as ações”. Essa observação reforça que, na narrativa joanina, o ritmo dos diálogos e o movimento dos verbos não apenas conduzem a ação, mas revelam teologicamente o dinamismo da fé.

Nesse horizonte de estudo, destaca-se a síntese de Vítório (2016, p. 41), que define com precisão a natureza teológica da narrativa bíblica:

A Bíblia está recheada de narrações. Para compreendê-las e interpretá-las é preciso conhecer o gênero literário “narração”, com sua dinâmica e regras peculiares. As narrações bíblicas estão em função da transmissão de uma sabedoria teológica e correspondem a um modo de fazer teologia, chamada de teologia narrativa. Teologia e literatura estão em perfeita conexão, pois a narração é a mediação para se falar de Deus.

Essa perspectiva, articulada por Vítório, mostra que a análise narrativa ultrapassa o campo da estética e adentra o domínio da teologia. A Bíblia expressa sua teologia não apenas por doutrinas, mas pela arte de narrar a ação divina. Assim, compreender a estrutura narrativa é reconhecer que o texto sagrado comunica a fé também por meio da forma literária.

Sob o ponto de vista estrutural, Gancho (2006) recorda que toda narrativa possui elementos essenciais (personagens, tempo, espaço, narrador e enredo), os quais, no texto joanino, assumem função teológica. O espaço, por exemplo, não é apenas geográfico, mas

simbólico: o poço de Jacó representa a tradição antiga que agora se renova em Cristo. O tempo é teológico (o “agora” da revelação) e o narrador, discreto, conduz o leitor à descoberta progressiva da identidade de Jesus.

Alter (2007, p. 85) lembra que

como na Bíblia a narrativa geralmente flagra seus protagonistas em momentos críticos e reveladores de suas vidas, a cena-padrão bíblica não transcorre na prática dos rituais da existência cotidiana, mas em situações críticas da vida dos heróis, da concepção ao nascimento, do compromisso de casamento à morte.

O evangelista João segue esse modelo, condensando em uma cena cotidiana um momento extraordinário de revelação. Em síntese, a análise narrativa aplicada ao texto bíblico não busca apenas descrever estruturas, mas compreender como o evangelista constrói literariamente uma experiência teológica. A partir da interação entre forma e conteúdo, João transforma um diálogo cotidiano em uma teofania: a revelação do Cristo como fonte de vida. Assim, a leitura narrativa é também uma leitura de fé, uma hermenêutica que reconhece, nas estratégias do texto, o dinamismo da Palavra de Deus que se comunica pela arte da narração.

3. Elementos que constituem João 4, 4-30. 39-42

Após a exposição dos fundamentos teóricos da análise narrativa, torna-se necessário aplicar tais princípios ao texto de João 4,4-30.39-42. A perícopes apresenta uma estrutura narrativa completa, na qual se entrelaçam forma literária e mensagem teológica. Conforme os parâmetros propostos por Gancho (2006) e Marguerat e Bourquin (2009), a leitura do texto pode ser conduzida a partir de cinco componentes essenciais: cenário, personagens, narrador, tempo e enredo.

Esses elementos não apenas configuram o aspecto estético do relato, mas revelam o modo como o evangelista comunica a experiência da fé por meio da linguagem narrativa. Nesse sentido, o Evangelho de João é exemplar: nele, o evento histórico e o símbolo teológico se fundem, e a arte literária torna-se mediação da revelação. O texto joanino não busca narrar por narrar; cada gesto, diálogo ou deslocamento tem função teológica. Assim, o estudo da forma narrativa se converte em caminho de interpretação

da fé, mostrando que a teologia do quarto evangelho se expressa por meio de sua estrutura literária.

Cenário

A perícopes de João 4,4-30.39-42 se inicia com um dado geográfico que adquire valor teológico: “era preciso passar pela Samaria” (v. 4). Essa necessidade, aparentemente topográfica, possui em João uma dimensão simbólica, pois exprime o desígnio salvífico de Jesus que ultrapassa fronteiras étnicas e religiosas. Brown (2020, p. 392) observa que esse movimento não é casual, mas parte da lógica da missão universal do Filho, que rompe as barreiras erguidas entre judeus e samaritanos.

O cenário, situado em Sicar, junto ao poço de Jacó, é mais do que um simples pano de fundo: é o lugar da revelação. O poço, na tradição bíblica, é frequentemente espaço de encontros decisivos, foi ali que Jacó conheceu Raquel (Gn 29,1-11) e Moisés encontrou Zípora (Ex 2,15-22), lugares onde a vida se renova pela água e pela comunhão. Assim, o evangelista retoma um arquétipo narrativo veterotestamentário, reinterpretando-o à luz da plenitude messiânica de Cristo.

Dufour (1970, p. 266) interpreta o gesto de Jesus junto ao poço de Jacó como um sinal de continuidade e plenitude: “Mostrando Jesus sentado à beira do poço de Jacó, o narrador sugere uma continuidade entre a presença e a experiência passada de Israel: é junto do poço patriarcal que a mulher vai descobrir a Fonte que aplaca toda sede.” O lugar físico, assim, torna-se metáfora teológica: o poço da tradição patriarcal é agora o ponto de revelação da nova fonte da vida. O antigo Israel e o novo povo de Deus se encontram simbolicamente nesse espaço, onde a água deixa de ser apenas elemento material e se converte em dom espiritual.

O evangelista menciona que o episódio ocorre “por volta da hora sexta”, isto é, ao meio-dia. Esse detalhe, aparentemente descritivo, tem profundo valor simbólico. O meio-dia é o auge da luz, momento em que nada se esconde. A mulher se aproxima de Jesus no instante em que a luz é plena, e essa luminosidade externa reflete a iluminação interior que está prestes a acontecer. O gesto de Jesus, “Dá-me de beber” (v. 7), proferido sob o sol ardente, abre o caminho para a revelação da “água viva”, expressão que Barreto e Mateos (1996, p. 211) interpretam como referência à vida que o Espírito comunica aos que creem.

A teologia narrativa de João, como recorda Berger (1998, p. 226), caracteriza-se por um estilo que une descrição e comentário teológico:

É sobretudo no Evangelho de João que se vê claramente a tendência para fazer comentários, o que sem dúvida resulta da maneira como o autor se entende a si mesmo, teologicamente [...]. O autor não apenas conhece as intenções escondidas das pessoas, mas as compreende melhor do que elas mesmas e analisa suas respostas.

Essa observação de Berger ilumina a compreensão do cenário joanino: ele nunca é um pano de fundo neutro, mas uma construção literária e teológica, na qual cada elemento físico (o poço, a hora, o caminho) serve à revelação do sentido espiritual.

Vitório (2016, p. 36) reforça essa dimensão quando afirma, citando Marguerat, que “a construção de um enredo, a disposição de uma rede de personagens, a gestão da temporalidade e a semantização do espaço são tão representativos da intenção teológica quanto uma formulação doutrinal”. Dessa forma, o espaço físico em João 4 adquire dimensão sacramental: é o lugar onde a Palavra se encarna e a realidade material se converte em mediação da graça.

O cenário da narrativa joanina é carregado de simbolismo teológico. O espaço de Sicar, onde se encontra o poço de Jacó, transcende o nível puramente geográfico e se torna um lugar de revelação. Em João, a topografia nunca é neutra: cada detalhe espacial participa da comunicação do mistério. Marguerat e Bourquin (2009, p. 99) esclarecem que “o enquadramento pode estar carregado de um valor metafórico [...] e contribui, portanto, para a compreensão simbólica da ação”. À luz dessa perspectiva, o poço torna-se o centro teológico da narrativa, pois ali a ação humana, o pedido de água, se converte em mediação da graça. O espaço físico transforma-se em sinal sacramental, revelando a passagem do antigo ao novo, da sede material à plenitude do Espírito.

Personagens

A narrativa joanina é marcada por poucos personagens, mas de grande densidade simbólica. Essa concentração de figuras corresponde ao modo como o texto bíblico retrata o ser humano em sua relação com Deus. Alter (2007, p. 175) ressalta que “a deliberada seleção de meios e as estratégias técnicas contrastivas ou comparativas usadas na caracterização dos personagens bíblicos são, em certo sentido, ditadas pela visão bíblica

do homem”. Assim, os personagens de João 4 são construídos como espelhos teológicos: Jesus, a mulher samaritana e os samaritanos representam dimensões complementares da experiência de fé.

Jesus é o protagonista central e o agente da transformação. Ele toma a iniciativa do diálogo, rompe barreiras culturais e conduz a interlocutora a uma compreensão mais profunda da fé. Seu pedido, “Dá-me de beber” (v. 7), é expressão de humildade e ponto de partida para a revelação do dom de Deus. O gesto humano revela a pedagogia divina: é o próprio Deus que se rebaixa, pedindo à criatura o que Ele mesmo oferece em plenitude.

Brown (2020, p. 394) explica que a “água viva” prometida por Jesus “não é o próprio Cristo, mas o dom espiritual que Ele oferece àquele que reconhece o dom de Deus”. Desse modo, o Mestre se apresenta como mediador do Espírito, fonte inesgotável da vida eterna. Sua palavra não se impõe, mas convida: cada resposta de Jesus desvela progressivamente sua identidade messiânica e convida a interlocutora ao amadurecimento da fé.

A mulher samaritana é apresentada em processo de transformação interior. No início, compreende as palavras de Jesus em nível literal e material, “nem sequer tens uma vasilha, e o poço é profundo” (v. 11), mas, à medida que o diálogo avança, passa a perceber o sentido espiritual de suas palavras. Barreto e Mateos (1996, p. 213) afirmam que “só uma água perene e sempre disponível pode tirar a sede do homem”. Essa sede representa o anseio humano de sentido, que apenas o dom divino pode saciar.

Alter (2007, p. 177) observa que os personagens bíblicos são delineados “pelo modo de ser e as intenções dos personagens, que podem ser feitas de maneira categórica ou motivada pelo contexto”. Essa técnica narrativa é visível na figura da samaritana: sua personalidade não é descrita diretamente, mas revelada por meio de suas falas, perguntas e reações diante de Jesus. A mulher, que no início demonstra resistência e ironia, passa progressivamente à abertura e à confissão de fé, espelhando o itinerário espiritual de todo discípulo.

Em perspectiva literária, Berger (1998, p. 228) identifica o diálogo entre Jesus e a mulher samaritana como exemplo do diálogo revelador: “Os dois gêneros mais importantes são o diálogo de ensinamento e o diálogo revelador. A diferença consiste em

que o diálogo revelador se refere a uma revelação que precedeu, mas não foi compreendida, precisando de um esclarecimento, que é dado no diálogo”.

Essa definição descreve com precisão a estrutura de João 4: a mulher é conduzida por meio da palavra de Jesus a uma compreensão cada vez mais profunda do mistério divino. O diálogo, portanto, não é apenas um recurso narrativo, mas o espaço teológico da revelação.

Vitório (2016, p. 81) aprofunda essa leitura ao afirmar que “os personagens humanos da Bíblia, em última análise, definem-se por sua relação com o personagem Deus”. A mulher samaritana é, nesse sentido, um paradigma de humanidade em busca da verdade: sua transformação ocorre à medida que reconhece a presença do divino em sua história. Como explica o mesmo autor, “a narração de fatos históricos, onde seres humanos estão implicados, torna-se, em última instância, a história de Deus, conhecido nas tramas da aventura humana” (Vitório, 2016, p. 81).

O ponto culminante dessa transformação ocorre quando a mulher “deixou o cântaro e correu à cidade” (v. 28). Barreto e Mateos (1996, p. 221) interpretam esse gesto como símbolo de libertação: o cântaro representa a antiga estrutura religiosa, incapaz de saciar a sede espiritual. O abandono do cântaro é sinal de nova adesão, ela não precisa mais buscar água, porque encontrou a fonte. O silêncio das águas cede lugar à voz do testemunho: “Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz” (v. 29).

Os samaritanos, ao ouvirem o testemunho da mulher e depois a palavra de Jesus, passam da fé mediada à fé pessoal: “já não é por causa do que tu falaste que cremos; nós próprios o ouvimos e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo” (v. 42). O enredo mostra, assim, que a experiência pessoal da fé se expande em testemunho comunitário.

A caracterização dos personagens, portanto, é teológica. Jesus é o revelador, a mulher representa a humanidade sedenta e os samaritanos simbolizam o novo povo de Deus que nasce da escuta da Palavra. Na economia narrativa, todos convergem para o mesmo eixo: a revelação do dom de Deus que sacia a sede de sentido e conduz à verdadeira adoração.

Narrador

O narrador do quarto evangelho é uma figura teológica, literária e espiritual. Sua voz, ainda que discreta, conduz o leitor à compreensão dos eventos e revela o sentido oculto das ações de Jesus. Em João 4,4-30.39-42, a narração é feita em terceira pessoa, com olhar onisciente que alcança tanto o contexto cultural quanto a interioridade dos personagens.

A narrativa joanina se distingue pela economia de palavras e pela precisão simbólica. O narrador diz o essencial, mas insinua o mistério. Cada detalhe textual (o poço, a hora, a água, o diálogo) possui duplo valor: real e espiritual. O texto convida o leitor a perceber o não dito, participando do movimento de revelação.

Em harmonia com essa dinâmica, Marguerat e Bourquin (2009, p. 23-24) observam:

Ao lado do papel do narrador (evidente na administração da narrativa) inscreve-se no texto, mas subentendido, o papel atribuído ao leitor. [...] Outros, ainda, insistem na experiência de leitura, no correr da qual narrador e narratário são postos em comunicação por intermédio do texto.

Esse princípio é decisivo para o Evangelho de João: o narrador não apenas conta, mas convida o leitor a crer. O texto estabelece uma ponte entre o evento histórico e a experiência de fé. Cada leitor é, assim, inserido na narrativa e chamado a responder ao mesmo dom oferecido à mulher samaritana.

Vitório (2016, p. 46) aprofunda essa dimensão catequética e pastoral ao afirmar que

no processo de criação literária, tinham em vista comunidades concretas com suas questões de fé. A narração correspondeu ao método escolhido para fazer a catequese da comunidade. O narrador visava a tocar em cheio a vida da comunidade servindo-se do texto, usado como meio para comunicar sua mensagem.

Essa observação evidencia que o narrador bíblico não é um mero cronista, mas um teólogo e catequista: sua função é provocar fé, interpretar a ação de Deus na história e conduzir o leitor à adesão pessoal ao Cristo.

Berger (1998, p. 226) explica que, no Evangelho de João, o narrador é também um intérprete teológico:

É sobretudo no Evangelho de João que se vê claramente a tendência para fazer comentários, o que sem dúvida resulta da maneira como o autor se entende a si mesmo, teologicamente [...]. O autor não apenas conhece as intenções escondidas das pessoas, mas as compreende melhor do que elas mesmas e analisa suas respostas.

Esse olhar penetrante caracteriza o narrador joanino como mediador entre o mundo visível e o mistério da fé. Ele observa os personagens e interpreta seus gestos, conduzindo o leitor à descoberta progressiva da identidade de Jesus.

Dessa forma, o narrador de João 4 atua como um verdadeiro intérprete da revelação. Por meio de uma narração econômica, simbólica e teologicamente densa, o evangelista transforma o texto em espaço de encontro entre o divino e o humano, onde a palavra escrita se torna mediação do Verbo eterno.

Tempo

O tempo narrativo em João 4,4-30.39-42 combina cronologia linear e densidade teológica. O relato se desenrola de modo contínuo, desde a chegada de Jesus à Samaria até sua permanência de dois dias entre os samaritanos, mas essa linearidade serve a um propósito espiritual: mostrar o movimento da revelação, que passa do particular (o encontro com a mulher) ao universal (a fé dos samaritanos).

O ritmo do texto é dinâmico e orientado para a ação. Alter (2007, p. 126) observa que

na narração bíblica essencial, os verbos tendem a ocupar um lugar dominante, e, de vez em quando, nos deparamos com súbitas e densas concentrações ou séries ininterruptas de verbos, geralmente ligados a um único sujeito, indicando uma intensidade, rapidez ou atividade deliberada e obstinada.

Essa observação se confirma em João 4, onde a sucessão de ações expressa o avanço da revelação e o movimento interior da fé. Como explicam Marguerat e Bourquin (2009, p. 107), “o estudo da temporalidade narrativa se consagra a esse jogo de relações entre o tempo contado, que é o tempo da história contada, e o tempo contando, que é o da narrativa”. O evangelista João explora magistralmente essa relação: o tempo histórico do encontro no poço (o “tempo contado”) torna-se o tempo da revelação e da fé (o “tempo contando”). O que parece um momento cotidiano é, na verdade, o instante da manifestação divina, em que o eterno se inscreve no tempo humano.

Vitório (2016, p. 36) ressalta que “a gestão da temporalidade é tão representativa da intenção teológica quanto uma formulação doutrinal”. O tempo, portanto, não é apenas cenário de eventos, mas instrumento de revelação. Cada instante no relato joanino carrega o dinamismo do “hoje” da salvação, onde o eterno se manifesta no efêmero.

À luz dessa compreensão, o evangelista constrói uma narrativa em que o tempo cronológico, a caminhada, o meio-dia, os dois dias de permanência, se transforma em tempo teológico, o kairós da revelação. O ritmo da narrativa acompanha o processo espiritual dos personagens: a mulher passa do diálogo inicial à iluminação interior, e os samaritanos, do testemunho da mulher à fé direta em Jesus.

O tempo, assim, torna-se sacramento da revelação: o instante humano se abre para o eterno, e a história cotidiana da Samaria se converte em espaço-tempo da manifestação divina. Nesse encontro entre o finito e o infinito, o evangelista mostra que o tempo comum é transfigurado em ocasião de graça, onde Deus habita e salva.

Enredo

O enredo de João 4,4-30.39-42 estrutura-se como uma narrativa de revelação progressiva, marcada por movimento, tensão e transformação. À primeira vista, o episódio parece descrever um simples encontro entre um viajante e uma mulher junto ao poço; contudo, o evangelista constrói um percurso literário e teológico no qual o diálogo se torna espaço de revelação.

Conforme Marguerat e Bourquin (2009, p. 55-56),

para que haja narrativa, é preciso um enredo. A estrutura da história é seu enredo. [...] Chamamos de enredo essa estrutura unificadora que liga as diversas peripécias da narrativa e as organiza em uma história contínua. O enredo assegura a unidade da ação e dá sentido aos múltiplos elementos da narrativa.

No Evangelho de João, essa unidade é teológica: o conflito humano é o ponto de partida que se resolve na revelação do Cristo. O enredo se desenvolve em três movimentos: o pedido de Jesus, “Dá-me de beber” (v. 7), cria a tensão inicial; o diálogo se aprofunda e o tema da água adquire dimensão simbólica; e o desfecho ocorre quando a mulher reconhece o Messias e torna-se missionária. O centro do enredo, portanto, não é o poço físico, mas a comunicação da graça.

Em harmonia com essa leitura, Vítório (2016, p. 81) explica que “a narração de fatos históricos, onde seres humanos estão implicados, torna-se, em última instância, a história de Deus, conhecido nas tramas da aventura humana”. Assim, o enredo joanino é teologicamente construído: a história humana da mulher se funde com a história divina da salvação.

O gesto da mulher ao deixar o cântaro e correr para a cidade (v. 28) é o ponto de virada da narrativa. Barreto e Mateos (1996, p. 221) interpretam esse ato como símbolo de libertação, pois o cântaro representa a antiga estrutura da Lei, incapaz de saciar a sede interior. O abandono do cântaro significa a adesão à nova vida no Espírito, em que a água do poço é substituída pela água viva que brota do próprio Cristo.

Marguerat e Bourquin (2009, p. 57) acrescentam que “o enredo, enquanto encadeamento de fatos, se assenta sobre a presença de uma tensão interna entre esses fatos, que deve ser criada desde o início da narrativa, entretida durante o seu desenvolvimento e que deve ser solucionada no desenlace”. Essa estrutura se cumpre em João 4: o diálogo nasce da diferença entre judeu e samaritana, amadurece em revelação e culmina na confissão de fé comunitária.

Portanto, o enredo de João 4 não é apenas uma sequência de ações, mas um itinerário espiritual. O conflito inicial dá lugar à compreensão, e a incompreensão se transforma em fé. O diálogo é o fio condutor da narrativa, mas o verdadeiro protagonista é o processo de revelação, no qual o cotidiano se converte em lugar teológico. A história da mulher e de sua comunidade é, em última análise, a história de Deus que se comunica pela palavra e pelo encontro.

4. Conclusão

A narratividade bíblica apresenta-se como uma das formas de expressar a mensagem da revelação, a partir de elementos que trazem consigo um teor teológico. Foi o que se pode perceber na perícopes do Evangelho segundo João 4, 4-30. 39-42, onde se narra o encontro entre Jesus e a mulher samaritana. O texto é composto de vários aspectos narrativos que tem como finalidade envolver o leitor no que está sendo narrado.

Sendo a narratividade bíblica uma forma literária, onde cada gesto, palavras, objetos e ação possui uma chave hermenêutica para a leitura e compreensão dos escritos

sagrados, no texto de Jo 4,4-30.39-42 não poderia ser diferente. O autor utiliza-se desses detalhes, que podem passar despercebido em uma leitura desatenta, para transmitir uma experiência de fé e um significado teológico.

A passagem bíblica em questão, a partir dos componentes narrativos, conduz o leitor a acolher a imagem de Jesus como o Messias, aquele que oferece o dom da água da vida, que é o dom da graça de Deus, capaz de saciar a sede existencial da mulher, que representa a humanidade, marcada por sua sede de vida. Jesus estabelece um diálogo amoroso com a samaritana, que desejava ardentemente ser amada, por isso a grande quantidade de maridos com que ela já tinha contraído relações.

O que essa mulher marginalizada tanto almejava encontrou em Jesus, fazendo com abandonasse as velhas tradições e acolhesse o novo de Deus em sua história. A partir desse momento, a samaritana, além de ter sua vida transformada desde aquela hora que se encontrou com Jesus, torna-se testemunha e propagadora da vinda do Messias que veio ao mundo para constituir o novo povo de Deus, onde todos são chamados a participar.

Referências Bibliográficas

- ALTER, Robert. A arte da narrativa bíblica. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
BARRETO, Juan; MATEOS, Juan. O Evangelho de São João. São Paulo: Paulinas, 1996.
BERGER, Klaus. Formas literárias do Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 1998.
BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2008.
BROWN, Raymond E. Comentário ao Evangelho segundo João: (1-12). Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020.
DUFOUR, Xavier Léon. Leitura do Evangelho segundo João: Volume I. São Paulo: Loyola, 1970.
GANCHO, Cândida Vilares. Como analisar narrativas. São Paulo: Ática, 2006.
MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. Para ler as narrativas bíblicas. São Paulo: Loyola, 2009.
VITÓRIO, Jaldemir. Análise narrativa da Bíblia: primeiros passos de um método. São Paulo: Paulinas, 2016.